



dispersão dos vestígios:

Corresponde à área da cerca conventual e ao traçado do aqueduto que abastecia o mosteiro.

espólio:

Desconhecido.

local de depósito do espólio:

IPPAR

trabalho realizado:

Escavação/Acompanhamento Arq

conservação:

Bom

uso do solo:

Urbano

ameaças:

Construção Civil

fontes:

SOUSA, J. 1984; ALARCÃO; AMARAL 1986; PIZARRO 1987; COSTA, A. 1993; AMARAL, L. 1994; AMORIM 1997; MAGALHÃES 1997; PAIVA; BOTELHO 2000

observações:

Foram realizados trabalhos de escavação e acompanhamento arqueológico em 1999, na sequência das obras recentes de reabilitação da igreja, sob coordenação do IPPAR.



designação:

Mosteiro de Grijó

tipologia:

Mosteiro

período histórico:

Idade Média/Idade Moderna

freguesia:

Grijó

lugar:

Mosteiro

coord. geográficas(datum 73):

-37859.1968,151289.0787,0

altitude (m):

128

carta 1/25 000:

133

código inventário arquitectura:

GR07

código nacional de sítio:

2252

classificação / protecção:

Imóvel de Interesse Público. Dec. nº 28536, de 22-03-1938. O aqu

categoria de protecção proposta:

Zona Arqueológica Classificada

situação e acessos:

O acesso ao mosteiro faz-se pela Avenida do Mosteiro ou pela Rua de Cardoso Pinto.

breve caracterização:

O Convento dos Cônegos Regrantes de Santo Agostinho de Grijó remonta ao ano de 922, se bem que tenha sido fundado em lugar diverso (Murraceses) daquele onde hoje se encontra a partir dos finais do séc. XI/inícios do XII. A partir de 1128, a Condessa D. Teresa, Afonso Henriques e outros reis fazem importantes doações a Grijó, conformando-se o território do couro, incluindo propriedades em Brito (actual S. Félix da Marinha) e a vila de Tarouquela (actual Vilar do Paraíso). Nos inícios do séc. XVI, como a casa monástica estivesse em ruínas, o mosteiro é transferido para a Serra do Pilar, onde em 1538 se começa a edificar o novo mosteiro. Todavia, após duas décadas de abandono, em 1563 parte da comunidade regressa a Grijó, tendo sido totalmente reconstruídos a igreja e o mosteiro. Finalmente, em 1770 o mosteiro de Grijó é extinto; posteriormente reabilitado resiste até 1834, altura em que é definitivamente abandonado pelos monges. Nos séculos XIX e XX registaram-se várias alterações ao conjunto conventual, iniciado com a venda das propriedades da cerca, com a construção de uma nova torre sineira e com a privatização do edifício da antiga hospedaria, verificando-se modernamente outras modificações na área da cerca. O edificado actualmente visível remonta assim aos finais do séc. XVI/séc. XVII, com naturais alterações e acrescentos posteriores. Uma alameda arborizada, rasgada a partir da Porta Nobre dá acesso ao nártex da entrada da igreja, que se desenvolve numa nave única com transepto inscrito e capela-mor alongada, resultado de obras posteriores. A sul situa-se o claustro, de planta rectangular, com dois pisos, abrindo para espaços muito adulterados em relação às suas funções primitivas. Ligada originalmente ao clastro encontrava-se a "casa

dos frades", com a sua interessante capela oval. A Norte, o edifício onde está sediada a Junta de Freguesia corresponde à antiga casa da justiça eclesiástica e civil. Merece ainda natural destaque neste monumento o túmulo em pedra de ançã com jacente de D. Rodrigo Sanches (séc. XIII), Monumento Nacional. Associado ao complexo monástico encontra-se um extenso e imponente aqueduto - sobretudo na sequência de arcadas próximas do mosteiro - que o abastecia, designado como Aqueduto das Amoreiras ou de Murracezes. Construído em meados do séc. XVIII, é pontuado por curiosas arcas de água troncopiramidais, culminando num chafariz com tanque ainda existente no mosteiro.